

Primeira Parte

Introdução

Nas regiões distantes da Sibéria, no meio das estepes, das montanhas ou das florestas impenetráveis, encontram-se de vez em quando pequenas cidades, com um, no máximo dois milhares de habitantes, cidades de madeira, desgraciosas, com duas igrejas — uma na cidade, outra no cemitério — mais parecidas com uma boa aldeia dos arredores de Moscovo do que com uma cidade. Estão habitualmente bastante bem providas de comissários de polícia, assessores e outros funcionários subalternos. Em geral, na Sibéria, apesar do frio, o serviço é extraordinariamente confortável. As pessoas são simples, não liberais; os usos e costumes são antigos, sólidos, consagrados pelos séculos. Os funcionários públicos, que desempenham justamente o papel de nobreza siberiana — ou são locais, siberianos de raiz, ou vindos da Rússia, na sua maior parte das capitais, atraídos por um salário livre de impostos, pelas ajudas de custo duplas e pelas sedutoras esperanças no futuro. Aqueles que são capazes de resolver o enigma da vida ficam quase sempre na Sibéria e ali se enraízam com agrado. Posteriormente produzem bons e doces frutos. Mas os outros, gente frívola e incapaz de resolver o enigma da vida, depressa se fartam da Sibéria e interrogam-se com tristeza: por que razão vim para aqui? Cumprem com impaciência o seu tempo de comissão de serviço de três anos, e logo que ele termina apressam-se a tratar da sua transferência e regressam a penas, vituperando a Sibéria e rindo-se dela. Não têm razão: não só do ponto de vista do serviço, mas também de muitos outros pontos de vista, na Sibéria pode-se viver uma vida deleitosa. O clima é excelente; há muitos comerciantes notavelmente ricos e hospitaleiros; há muitos não russos bastante endinheirados. As raparigas florescem como rosas

e são virtuosas em extremo. A caça corre pelas ruas e vem ao encontro do caçador. O champanhe é bebido em quantidades exageradas. O caviar é maravilhoso. Em alguns lugares, as colheitas chegam a render quinze sementes... De um modo geral, a terra é abençoada. Só é preciso saber utilizá-la. Na Sibéria sabem utilizar a terra. Numa dessas cidadezinhas alegres e contentes consigo mesmas, com a mais amável população, cuja lembrança ficou para sempre indelével no meu coração, conheci Aleksandr Petróvitch Goriántchikov, um colono nascido na Rússia como nobre e proprietário de terras, que foi depois condenado a trabalhos forçados de segunda categoria pelo assassinio da sua mulher e que, terminado o período de dez anos a que fora condenado pela lei, vivia modestamente e sem ruído o resto dos seus anos como colono na cidadezinha de K. Na verdade, tinha-lhe sido fixada residência num bairro suburbano, mas ele vivia na cidade, onde tinha a possibilidade de ganhar alguns meios de subsistência a dar lições às crianças. Nas cidades siberianas é frequente encontrar professores entre os colonos desterrados; não são desprezados e ensinam principalmente a língua francesa, tão necessária nas actividades da vida e da qual, sem eles, nestas regiões distantes da Sibéria ninguém teria ideia. Encontrei Aleksandr Petróvitch pela primeira vez em casa de um velho funcionário emérito, Ivan Ivánitch Gvózdikov, pai de cinco filhas de diferentes idades, que davam excelentes esperanças. Aleksandr Petróvitch dava-lhes lições quatro vezes por semana a trinta copeques de prata por lição. O aspecto dele despertou-me algum interesse. Era um homem extraordinariamente pálido e magro, ainda novo, de trinta e cinco anos, pequeno e frágil. Vestia-se sempre com extremo cuidado, à europeia. Quando falávamos com ele, olhava-nos com muita fixidez e atenção, escutava com severa cortesia cada uma das nossas palavras, como se reflectisse sobre elas, como se com a nossa pergunta lhe collocássemos um problema ou quiséssemos arrancar-lhe algum segredo e, finalmente, dava-nos uma resposta clara e breve, mas pensando de tal modo cada palavra da sua resposta que, por fim, nós próprios nos alegrávamos quando a conversa acabava. Por essa mesma altura interroguei Ivan Ivánitch a respeito dele e fiquei a saber que Goriántchikov levava uma vida moralmente irrepreensível e que, se assim não fosse, Ivan Ivánitch não o teria convidado para ensinar as filhas; mas que ele era horrivelmente insociável, que se escondia de toda a gente, que era extremamente culto, que lia muito, mas falava muito pouco e em geral

era difícil conversar com ele. Alguns afirmavam que ele era realmente louco, embora achassem que no fundo isso não era um defeito muito importante, que muitos membros respeitáveis da cidade estavam dispostos a ajudar Aleksandr Petróvitch o melhor que podiam, que ele até podia ser útil, escrever petições, etc. Supunha-se que teria uma família numerosa na Rússia, talvez até pessoas importantes, mas sabia-se que desde o desterro cortara obstinadamente todas as relações com elas. Em suma, prejudicava-se a si próprio. Além disso, todos entre nós conheciam a história dele, sabiam que tinha assassinado a mulher no primeiro ano do casamento, que a matou por ciúme e ele próprio se entregou (o que aliviou em muito a pena). Estes crimes são sempre encarados como desgraças e olhados com compaixão. Mas, apesar disso, este excêntrico afastou-se teimosamente de toda a gente e só estava com as pessoas para dar as lições.

A princípio não lhe prestei nenhuma atenção especial, mas, sem que eu próprio saiba porquê, ele começou pouco a pouco a interessar-me. Havia nele qualquer coisa de enigmático. Era completamente impossível conversar com ele. É claro que respondia sempre às minhas perguntas, e sempre com o ar de que considerava isso uma obrigação; mas depois das suas respostas custava-me continuar a interrogá-lo; além disso, depois dessas conversas, lia-se sempre no seu rosto como que um certo sofrimento e um certo cansaço. Lembro-me de que uma vez, numa bela tarde de Verão, vinha a sair com ele de casa de Ivan Ivánitch. De repente tive a ideia de convidá-lo para minha casa por um momento, para fumar um cigarro. Não sei como descrever o horror que se lhe desenhou no rosto; ficou completamente perdido, começou a balbuciar umas palavras incoerentes e de repente, depois de me lançar um olhar furioso, deitou a correr em sentido oposto. Até fiquei pasmado. Desde então, quando se cruzava comigo, olhava-me com uma espécie de medo. Mas eu não desistia. Qualquer coisa me atraía para ele, e um mês depois, sem mais nem menos, fui visitar Goriántchikov. É claro que procedi de um modo tolo e indelicado. Ele morava no extremo da cidade, em casa de uma velha que tinha uma filha física, a qual tinha por sua vez uma filha ilegítima, uma menina bonitinha e alegre. Aleksandr Petróvitch estava com ela, a ensiná-la a ler, no momento em que eu entrei. Quando me viu, ficou tão perturbado como se eu o tivesse surpreendido a cometer algum crime. Desorientou-se por completo, saltou da cadeira e fitou-me com os olhos franzidos. Acabá-

mos por nos sentar; ele seguia atentamente cada olhar meu, como se suspeitasse em cada um deles algum sentido misterioso especial. Percebi que era desconfiado até à loucura. Olhava-me com ódio, como que a perguntar: «mas quando é que te vais daqui embora?» Comecei a falar-lhe da nossa cidade, das notícias correntes; ele ficava calado, com um sorriso mau; descobri que não só não conhecia as notícias mais comuns, as notícias da cidade, que toda a gente conhece, como não se interessava em conhecê-las. Depois comecei a falar da nossa região, das suas necessidades; escutava-me em silêncio e olhava para os meus olhos com um ar tão estranho que por fim comecei a sentir vergonha da nossa conversa. De resto, por pouco não o fiz perder as estribeiras com os novos livros e revistas; tinha-os nas mãos, acabava de vir do correio, e ofereci-lhos ainda por abrir. Ele lançou-lhes um olhar cobiçoso, mas logo se recompôs e recusou a minha oferta. Finalmente despedi-me e, ao sair, senti que o meu coração se aliviava de um peso insuportável. Sentia vergonha e percebi que era uma extrema estupidez importunar um homem que tinha precisamente como principal objectivo esconder-se o mais possível de todo o mundo. Mas o mal estava feito. Lembro-me de não ter visto quaisquer livros em casa dele e, portanto, era infundadamente que se dizia que ele lia muito. No entanto, ao passar duas vezes, a altas horas da noite, diante das suas janelas, notei que tinha a luz acesa. O que fazia ele assim sentado até de madrugada? Não estaria a escrever? E se assim fosse, o que escreveria ele?

As circunstâncias afastaram-me da nossa cidade durante três meses. Ao regressar a casa, já no Inverno, soube que Aleksandr Petróvitch tinha morrido no Outono, solitário e sem ter chamado o médico uma única vez. Na cidadezinha já quase se tinham esquecido dele. O seu apartamento estava vazio. Travei imediatamente conhecimento com a senhoria do falecido, com a intenção de descobrir através dela o que fazia o seu inquilino de especial e se não escreveria. Por vinte copeques, ela trouxe-me um cesto cheio de papéis deixados pelo defunto. A velha confessou-me que já tinha utilizado dois cadernos para fazer lume. Era uma mulher carrancuda e taciturna à qual era difícil arrancar alguma coisa útil. Acerca do seu inquilino não conseguiu dizer-me nada particularmente novo. Segundo as palavras dela, ele estava quase sempre sem fazer nada e durante meses não abria um livro nem pegava numa pena; em contrapartida, passava as noites a caminhar para um

lado e para o outro no quarto, a pensar em qualquer coisa, e por vezes falava alto consigo mesmo, que gostava muito e acarinhava a neta dela, Kátia, em especial depois de saber que ela se chamava Kátia, e que no dia de Santa Catarina ia mandar celebrar uma missa por alguém. Não suportava as visitas; só saía de casa para dar lições às crianças. Até para ela, velha como era, ele olhava de través quando ela ia, uma vez por semana, fazer um pouco de arrumação e limpeza no quarto, e durante três anos quase nunca lhe dissera uma palavra. Perguntei a Kátia se se lembrava do seu professor. Ela olhou-me em silêncio, voltou-se para a parede e desfez-se em lágrimas. Portanto, aquele homem conseguiu fazer com que ao menos alguém gostasse dele.

Levei os seus papéis e passei um dia inteiro a examiná-los. Três quartas partes daqueles papéis eram retalhos ociosos, insignificantes, ou exercícios dos seus alunos. Mas havia também ali um caderno, bastante volumoso, coberto de uma escrita miudinha e inacabado, talvez abandonado e esquecido pelo próprio autor. Era uma descrição, embora desconexa, dos dez anos de vida de Aleksandr Petróvitch nos trabalhos forçados. Em alguns pontos, essa descrição era interrompida por outra narrativa qualquer, por umas recordações estranhas, horríveis, esboçadas de modo desigual, febrilmente, como que sob o efeito de uma imposição qualquer. Reli várias vezes esses retalhos e fiquei quase convencido de que haviam sido escritos num estado de loucura. Mas as recordações dos trabalhos forçados — «Recordações da Casa dos Mortos» — como ele próprio lhes chama algures no seu manuscrito, pareceram-me com algum interesse. Um mundo inteiramente novo, até então desconhecido, algumas notas especiais acerca de gente perdida, cativaram-me e li algumas coisas com curiosidade. É claro que posso estar enganado. Como amostra, começo por escolher dois ou três capítulos; o público que julgue...